

análise de conjuntura



Mercado de Trabalho: Retomada com Precariedade

VERA MARTINS DA SILVA (*)

As informações sobre o mercado de trabalho apresentam resultados positivos nos últimos trimestres com dados disponíveis, mas a Desocupação e o número de pessoas em trabalho precário ou desalentadas nesse mercado ainda são muito desfavoráveis. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC/IBGE), a Taxa de Desocupação apresentou leve declínio entre os trimestres de setembro/outubro/novembro de 2021 (11,6%) e o seguinte, dezembro/janeiro/fevereiro (11,2%). Isso significou uma redução de 389 mil Desocupados entre esses dois trimestres, ou seja, queda de 3,1%.

A População Ocupada aumentou em 304 mil pessoas entre esses dois trimestres (+0,3%). O número de pessoas na Força de Trabalho

(soma dos Ocupados mais os Desocupados em busca de trabalho no mês anterior à pesquisa) manteve-se estável na comparação entre esses dois períodos, estimado em 107 milhões de pessoas. Já a População Fora da Força de Trabalho apresentou aumento de 481 mil pessoas (+0,7%).

1 Mudanças no Perfil de Tipo de Ocupação

O maior crescimento estimado pela PNADC foi entre os Empregados do Setor Privado (exclusive Domésticos), com acréscimo de 473 mil pessoas (+1%) e, entre estes, destaca-se o aumento de 371 mil Empregados com Carteira Assinada (+1,1%), seguido de um aumento de 102 mil Empregados do Setor

Privado sem Carteira Assinada (+0,8%). Os Empregadores apresentaram crescimento de 203 mil pessoas (+5,2%) com aumento da formalização desse grupo. Na comparação entre esses dois trimestres houve aumento de 5,9% dos com CNPJ e acréscimo de apenas 2,6% dos sem CNPJ.

Os Empregados Domésticos e os Empregados do Setor Público apresentaram estabilidade nesses dois trimestres. O grupo dos Empregados Domésticos apresentou estabilidade em 5,6 milhões de pessoas, com aumento da formalização: ocorreu um aumento de 5,1% nos Domésticos com Carteira e redução de 0,3% entre os Sem Carteira. Os Ocupados no Setor Público mantiveram estabilidade nesses dois trimestres, estimados num total

de 11,3 milhões de pessoas. Desse total, 7,7 milhões são Servidores Estatutários e Militares, 1,3 milhões Funcionários Com Carteira e um espantoso contingente de 2,4 milhões de Sem Carteira, mesmo atuando no setor público, que é o centro de regulações variadas.

Destaca-se também a redução expressiva do contingente de 488 mil Conta Própria (1,9%), especialmente daqueles sem CNPJ, que tiveram redução de 355 mil (1,8%) e de redução de 133 mil com CNPJ (2,1%). Este grupo, que tinha sido o refúgio de muitos trabalhadores que perderam emprego durante a desorganização econômica devido à pandemia, passou por esvaziamento com a retomada da economia e geração de postos de trabalho formais.

A retomada do emprego se deu especialmente em atividades relacionadas a Serviços, as mais impactadas pela pandemia entre 2020 e 2021, em especial no Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas, com aumento de 244 mil (+1,3), Outros Serviços 189 mil (+4%) e Transporte, Armazenagem e Correio, com acréscimo de 103 mil (+2,1%). No sentido inverso, ocorreu uma redução de 261 mil na Construção (3,5%), redução

de 114 mil na Agropecuária (1,3%) e de 55 mil na Indústria (0,4%).

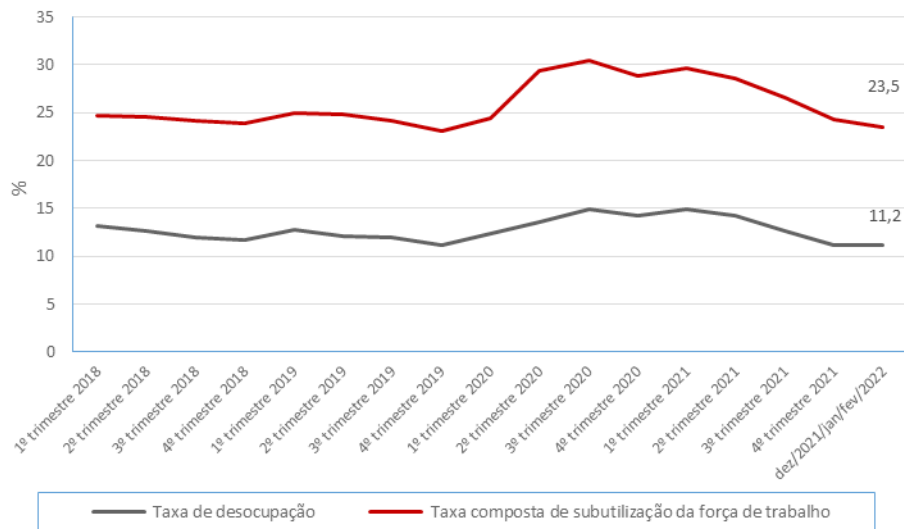
Embora a Taxa de Desocupação tenha apresentado pequena redução entre os dois últimos trimestres com dados divulgados, ainda é elevada, 11,2% da Força de Trabalho. O problema vai piorando quando se incluem as ocupações econômicas precárias e o desemprego por desalento. A Taxa Combinada de Desocupação e Subocupação por Insuficiência de Horas Trabalhadas foi estimada em 17,4% no trimestre de dezembro/janeiro/fevereiro de 2022, o que corresponde a cerca de 6,6 milhões de pessoas com Insuficiência de Horas Trabalhadas. Já o número de Desalentados foi estimado em 4,7 milhões nesse mesmo trimestre, mostrando estabilidade em relação ao trimestre anterior.

A Taxa Composta de Subutilização da Força de Trabalho (percentual de Pessoas Desocupadas, Subocupadas por Insuficiência de Horas Trabalhadas e na Força de Trabalho Potencial em relação à Força de Trabalho Ampliada) foi estimada em 23,5% no trimestre dezembro/janeiro/2021/fevereiro/2022, uma queda de 1,5 pontos percentuais em relação ao trimestre anterior,

mostrando melhora no mercado de trabalho como um todo. Ainda assim, o total de Desocupados, Subocupados por Insuficiência de Horas Trabalhadas ou na Força de Trabalho Potencial foi estimado em 27,3 milhões de pessoas no trimestre encerrado em fev/2022, o que é um volume de pessoas gigantesco, um potencial produtivo desperdiçado.

O Gráfico 1 apresenta a evolução da Taxa de Desocupação, tradicionalmente divulgada, e da Taxa Composta de Subutilização da Força de Trabalho desde o primeiro trimestre de 2018, taxas sempre muito elevadas e cujos indicadores estimados pioraram muito em 2020 em decorrência das medidas de contenção da pandemia da Covid-19. Nota-se a tendência de queda dessas taxas de Desocupação no período mais recente. Contudo, estão ocorrendo fatores adversos, mais choques externos, como a forte pressão inflacionária em função dos aumentos de preços das *commodities* em face da guerra na Ucrânia e eventual retomada econômica dos diversos países. Tudo isso deverá ter impacto negativo na recuperação do mercado de trabalho ao longo de 2022.

Gráfico 1 – Taxa de Desocupação e Taxa Composta de Subutilização de Mão de Obra, Brasil, Tri I.2018 a Dez/2021/Jan/Fev/2022. (%)



Fonte: Sidra/ IBGE.

Apesar da melhora da Taxa de Desocupação e da formalização entre os trimestres set/out/nov/21 e dez/21/jan/fev/22, o Rendimento Médio Real apresentou estabilidade em torno de R\$ 2.511,00 e a Massa de Rendimentos Reais, estimada em R\$ 234 bilhões, apresentou pequeno crescimento, mas ainda se encontra 6% abaixo do período pré-pandemia. Isto tem contido o crescimento do consumo das famílias, além da própria elevada Taxa de Desocupação e do aumento

no custo do crédito com o aumento das taxas de juros, dentro de um contexto de política anti-inflacionária. O Gráfico 2 apresenta a evolução da Massa de Rendimento Real Mensal de Todos os Trabalhos, mostrando que, segundo os últimos dados disponíveis, a massa de rendimento real encontra-se no mesmo nível do início de 2018. Enquanto isso, a população cresce e o país empobrece em termos *per capita*.¹

Gráfico 2 – Massa de Rendimento Real de Todos os Trabalhos, Habitualmente Recebido por Mês, Brasil, Tri I.2018 a Dez/21/Jan/Fev/2022. R\$ Milhões



Fonte: Sidra/IBGE.

2 Informações do Novo Caged

O Novo Caged – sistema do Ministério do Trabalho que inclui dados administrativos informados pelas empresas sobre movimentação de empregados formais – apresentou uma geração líquida de vínculos empregatícios de 2,7 milhões no país como um todo ao final do ano de 2021. Desse total, destaca-se o maior crescimento de 1,2 milhões em Serviços (+6,9%), 656 mil no Comércio (+7,3%), aumento de 476 mil na Indústria (+6,4%) e 245 mil na Construção (+12%).

Por faixa etária, no acumulado de 2021, a maior ampliação de geração de empregos ocorreu para indivíduos entre 18 e 24 anos (57%), com Ensino Médio Completo (73%) e Ensino Médio Incompleto (8%), e

8% com Ensino Superior Completo. Em termos regionais, o maior aumento absoluto ocorreu no Sudeste, com 1,3 milhões de novos vínculos (+6,9%), mas o maior crescimento relativo ocorreu na Região Norte, com aumento de 158 mil novos vínculos (+8,9%). Nessa região, destaca-se o Estado do Pará, com crescimento de vínculos empregatícios de 10%, ligado ao crescimento de regiões de mineração.

Em 2022, foram criados até fevereiro 328 mil vínculos formais no país, com destaque para o crescimento de 317 mil (1,65%) no setor de Serviços, 95 mil (1,2%) na Indústria, 76 mil (3,8%) na Construção e 42 mil na Agropecuária (2,5%). Em 2021, a Agropecuária foi o setor econômico que menos

gerou empregos formais, 145 mil ou 5% do emprego gerado, o que é compatível com sua baixa participação no Produto Interno Bruto. Foi-se o tempo em que a Agropecuária era a grande fonte de emprego no país. Agora, tem-se quase a totalidade da população na área urbana e envolvida em atividades de serviços, cuja produtividade é altamente variável.

Entre janeiro e fevereiro de 2022, o Comércio perdeu 50 mil postos de trabalho (0,5%), o que é normal logo após o período de auge de vendas nas festas do final do ano. Este período de baixa nas atividades do Comércio coincide também com as férias escolares e a mudança no perfil de consumo das famílias.

Em termos regionais, em 2022, até fevereiro, destaca-se o aumento de vínculos empregatícios no Sudeste (aumento de 211 mil, ou 1,1%), especialmente no Estado de São Paulo (de 142 mil, ou 1,9%). Neste período mais recente, ocorreu o crescimento de Trabalhadores de Produção de Bens e Serviços Industriais (146 mil), destacando-se a inclusão produtiva de trabalhadores com Ensino Médio Completo (66%). Nessa expansão, o que mais cresceu foram vínculos de trabalho na Construção Civil (29 mil), sendo 29% destes como pedreiros. Portanto, se no passado a Agropecuária era o motor da economia, a Indústria de Transformação já teve seu auge e agora luta duramente para sobreviver, a Indústria da Construção é atualmente um fator fundamental para o bom desempenho da economia brasileira.

1 Em 2021, o PIB per capita foi estimado em R\$ 40.688,10, semelhante ao de 2016 e 8% inferior ao estimado em 2013, pico da estimativa.

() Economista e doutora pela FEA-USP.
(E-mail: veramartins2702@gmail.com).*